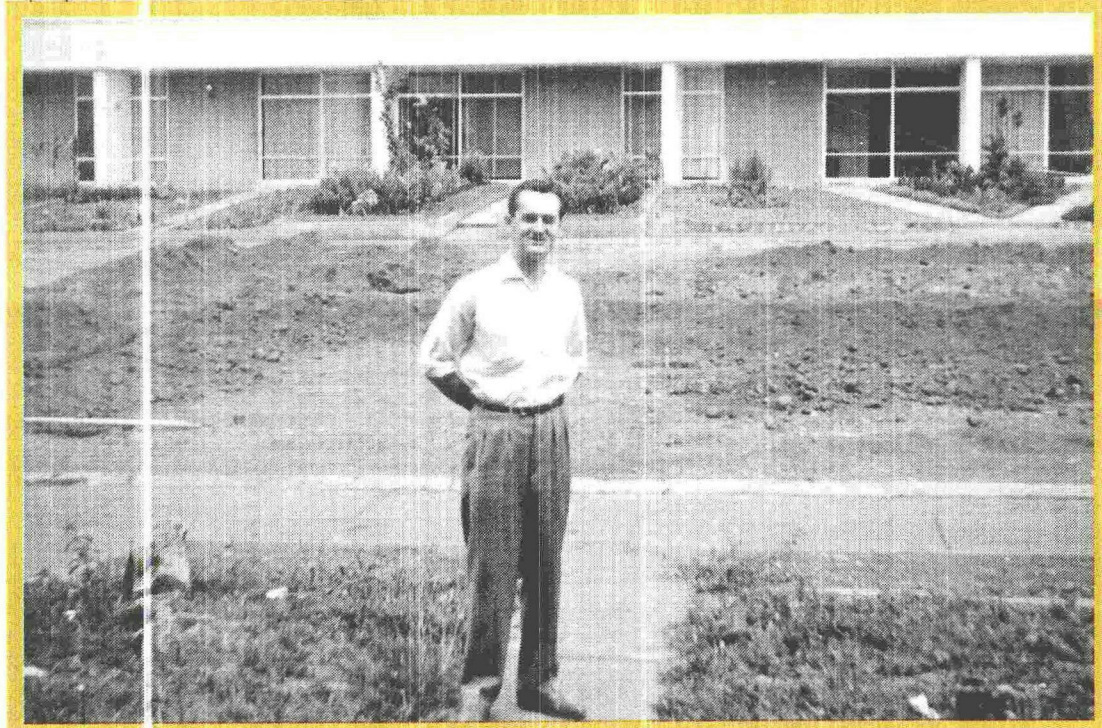


## Geraldo Malvar

# No cartório, o registro dos primeiros imóveis

Arquivo pessoal



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Até a mudança para Brasília, em agosto de 1960, o funcionário da Usiminas só ouvia falar da nova capital pelos jornais. Geraldo Malvar não imaginava que um dia viria morar por essas bandas. Bem empregado e com pouco tempo de casado seria um risco abandonar tudo para começar do zero, ainda mais longe de casa.

Mal sabia o mineiro de Tarumirim que a antiga amizade, dos tempos de cartório em Belo Horizonte, entre ele e seu xará Geraldo Prates, mudaria a sua vida.

"Ele já vinha fazendo a minha cabeça há muito tempo para vir trabalhar em Brasília", conta. Um belo dia, o pioneiro chegou em casa e deparou com a passagem e algum dinheiro para a viagem em cima da mesa. O amigo se encontrava em Brasília há uns dois meses. "Ele me contava que a cidade oferecia muitas oportunidades de trabalho e um futuro promissor. A oferta era tentadora. Como eu já estava com acúlio na cabeça, procurei o diretor da Usiminas que deu um jeito de me dispensar em 48 horas", conta. Com a esposa foi mais tranquilo. "Ela concordou com a ideia e achou que futuramente poderia ser melhor". O mineiro não se arrependeu. "No início, foi uma aventura. Passamos por uma fase de

adaptação, mas foi tudo superado", conta. Com o coração partido, ele deixou a esposa Petronilha — irigante portuguesa — e os filhos Margarete e Geraldo, ainda pequenos, e seguiu viagem rumo a Brasília a bordo de um avião da Expresso Real. "Naquele tempo era difícil conseguir residência aqui, também por isso achei melhor deixar a família lá".

Depois de duas horas de viagem, o anoitecer no Planalto Central testemunhou a chegada de mais um pioneiro. "Como chegamos com tudo escuro não deu para ver muita coisa, mas no outro dia é que tive o grande impacto. A vastidão do cerrado e as grandes obras por todo lado chamaram a minha atenção". Segundo o visitante, banhos eram três

por dia devido à poeira constante. "Às vezes eu acordava no meio da noite com a sinfonia dos martelos", lembra.

Assim como foi para muitos pioneiros, o ritmo alucinante de trabalho e o entusiasmo dos operários em torno das construções que se levantavam da terra inóspita também impressionaram Geraldo. As palavras do amigo eram mesmo verdadeiras. O futuro era aqui mesmo.

### O cartório

Conforme havia prometido, assim que Geraldo chegou foi encaminhado ao primo do amigo — César Prates — proprietário do único cartório de registro de imóveis da região e que estava prestes a ser inaugurado. A inaugura-

ção foi no dia 29 de agosto de 1960, mais precisamente onze dias após a chegada do pioneiro. Essa data ele nunca esquece. E não é para menos, naquele dia seu filho comemorava seu primeiro aniversário, lá em Belo Horizonte. "Como eu estava aqui envolvido com o trabalho e as viagens eram difíceis naquela época, não pude estar lá", lamenta. A cerimônia de instalação do cartório foi simples, sem muito alarde, o que não impediu a presença de algumas socialites. "As moças ficaram um pouco constrangidas porque era uma comemoração simples e elas acabaram tomando um copo d'água e saindo porque não tinha nada".

O escrevente guarda boas lembranças de quando começou no

GERALDO EM FRENTE ÀS CASAS POPULARES DA W3 SUL

cartório. Foi ele que praticou o primeiro ato de registro de imóvel do Distrito Federal. "Me lembro que naquela época era tudo feito à mão, o sistema era manual quando fizemos o primeiro registro da cidade. Foi do antigo Banco of London (Banco de Londres)", lembra. O Cartório de Registro de Imóveis funcionava na antiga quadra 17 da W3 Sul, atual 707 Sul. Tinha dois pavimentos. No primeiro piso ficava a loja e em cima a residência dos funcionários. O cartório nessa época tinha apenas três funcionários.

Os dez anos de experiência no tabelionato em Minas facilitaram a vida do pioneiro por aqui. Em pouco tempo ele subiu de cargo passando de escrevente a substituto. "Um dos funcionários do cartório, o substituto, ficou apenas três meses em Brasília. Ele voltou para a capital mineira porque não suportou a nostalgia", afirma. Pouco tempo depois, Geraldo Malvar já era oficial substituto do cartório. Apesar da promoção, a vida não era nada fácil para o pioneiro. Ele enfrentou um longo período de vacas magras. Geraldo não tinha salário fixo, ganhava por comissões. "Além disso, o cartório naquele ano tinha poucos registros por causa da desconfiança dos moradores e empresários que acreditavam no retorno da capital para o Rio de Janeiro. Só depois que Jânio

Mesmo com as dificuldades dos primeiros anos da nova capital, o pioneiro manteve firme a decisão de crescer com a cidade que estava nascendo no Centro-Oeste



GERALDO COM A FAMÍLIA QUE CRESCERAM COM A CIDADE

entrou é que houve uma procura grande pela compra e registro dos imóveis na cidade. A turma que ia sair tratou logo de assegurar os imóveis que ocupava com medo de perder", afirma. Segundo Geraldo, a vitória de Jânio provocou uma corrida ao cartório. Foi feito um acordo entre a Novacap — que tinha receio da volta dos funcionários para suas cidades — e a prefeitura de Brasília para a deliberação da venda dos imóveis para que os funcionários continuassem por aqui. "Aí o cartório passou a ter muito serviço", comemora. Para atender a demanda de trabalho, tiveram que ocupar até os quartos dos funcionários, no andar superior. Com isso, Geraldo e os colegas foram obrigados a mudar. "Cada um foi para um canto".

O aumento de trabalho significou melhores ganhos. Geraldo pôde finalmente buscar a família que ficou em Belo Horizonte. A nova residência dos Malvar foi na 410 Sul. No apartamento de dois quartos, ficaram por lá quatro anos. Tempo do qual o pioneiro guarda alguns episódios pitorescos. "Me lembro quando uma vez

minha esposa chegou de um aniversário já à noite e, da janela, a vi com o pé atolado no barro. Tinha muita lama na época das chuvas. As crianças também se sujavam muito", recorda. Para as compras, ele aproveitava o horário de almoço para ir até o SAB (Sistema de Abastecimento de Brasília). Um mercado famoso naquela época que funcionava na 308 Sul. Quando ele chegava do trabalho com as compras, a esposa logo descia as escadas para ajudá-lo. "Ali nas proximidades da 209 e 309 Sul, caminho por onde passavam para o almoço, era tudo cerrado. De tanto passar, fizemos uma trilha ali. Táxi era muito difícil e eu não tinha carro", conta. O primeiro carro ele nunca esquece. "Em 1962, eu adquiri um Dauphine, da Renault".

### Visitas

Em fins de 1964, o cartório se mudou para o Edifício das Pioneiras Sociais, no Setor Hospitalar Sul. Nesse tempo, a loja sempre recebia visitas honrosas de autoridades como Israel Pinheiro e do então presidente Juscelino Kubitschek. "Uma vez depois da vitória

de Jânio Quadros, Juscelino esteve por lá", recorda. "Ele dizia que não acreditava que pudesse voltar à Presidência em 1965", completa. Segundo o pioneiro, ele era um homem de muita visão e sempre preocupado com o futuro do país. "Ele tinha a convicção de que Jânio não iria completar o mandato e afirmava que qualquer presidente com menos de 50 anos não tinha habilidades suficientes para dar continuidade ao cargo. E acho que Jânio tinha uns 44 anos quando assumiu o governo". Foi dito e feito. Jânio governou apenas oito meses.

De acordo com Geraldo, as filhas de JK também costumavam visitar o cartório. A aproximação com JK permitiu ao pioneiro conhecer de perto as ideias e os planos do ex-presidente. "Ele não queria saber de reforma agrária, mas desejava promover o desenvolvimento no campo. Juscelino planejava instalar mil agrovilas para evitar o inchaço dos grandes centros", revela.

O pioneiro foi testemunha ocular não apenas da construção de Brasília, mas também do seu crescimento. Conta Geraldo

que, depois de 1964, aumentaram o número de registros de imóveis e do financiamento de construções. Foi nesse tempo que as embaixadas foram transferidas para cá. "Até então, o corpo diplomático funcionava no Rio de Janeiro. Eles duvidavam do prosseguimento da capital. A transferência foi induzida pelo ministro das Relações Exteriores, Magalhães Pinto, que baixou uma norma em que não atenderia nenhum diplomata cuja embaixada ainda estivesse no Rio", explica. Como tudo era registrado no cartório, Malvar recorda de quando elas se instalaram na nova capital. "A embaixada americana foi a primeira delas", completa.

Com tantas lembranças e as grandes oportunidades de trabalho e estudo que o pioneiro encontrou por aqui — ele chegou com apenas o curso ginasial, e cursou a faculdade de Direito —, hoje o candango se sente realizado e confessa. "Quando vou a outras cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro ou Belo Horizonte, e vejo aqueles prédios enormes, sinto um certo esmagamento".

“ME LEMBRO QUANDO UMA VEZ MINHA ESPOSA CHEGOU DE UM ANIVERSÁRIO JÁ À NOITINHA E, DA JANELA, A VI COM O PÉ ATOLADO NO BARRO. TINHA MUITA LAMA NA ÉPOCA DAS CHUVAS. AS CRIANÇAS TAMBÉM SE SUJAVAM MUITO”

## Raio X

**Nome:** Geraldo Malvar  
**Idade:** 77 anos  
**Origem:** Tarumirim, Minas Gerais  
**Ano de chegada a Brasília:** 1960  
**Profissão:** Registrador aposentado  
**Esposa:** Petronilha Vieira Malvar  
**Filhos:** Margarete, Geraldo e Marcos  
**Netos:** Marcos, Ana Carolina, Marina, Paula, Bárbara, Gabriela e Geraldo